



Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.113 / AGOSTO DE 2016

SUPER LIBRIS

FERREZ E A PRODUÇÃO CULTURAL NA PERIFERIA

ENTREVISTA

**CRISTIANO BURLAN: "POBRE SÓ
FAZ CINEMA SE FOR TEIMOSO"**

MÚSICA

**O JAZZ DE MARLENA
SHAW E BIXIGA 70**

qualidade de
vida

POR IVALDO BERTAZZO

Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

DESTAQUES

- 4 Experiências da periferia
- 6 Marlena Shaw e Bixiga 70
- 7 Corrente Musical
Estética suburbana

ENTREVISTA

- 8 Cristiano Burlan: “Pobre não faz cinema no Brasil. Só faz se for teimoso.”

ARTIGO

- 12 “Literatura pelas periferias paulistanas” por Érica Peçanha

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês

**capa**

Brick wall

Foto: RWLinder

Os vários endereços da cultura

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Qual a distância entre o centro e a periferia? Para além de uma resposta geopolítica e econômica, a capacidade de produção cultural de um povo impossibilita qualquer medição de distância e mostra que a cultura não tem endereço fixo, tampouco é determinada por limite geográfico. A capital paulista, por exemplo, notável por seus contrastes dentro de um território tão amplo, apresenta efervescência cultural em todos os seus cantos, até os mais extremos. Hoje, várias iniciativas florescem nas periferias paulistanas, por meio de saraus, apresentações de teatro, música e audiovisual.

Para levar luz às questões do espaço urbano periférico e sua forma de produzir e fruir a cultura, o SescTV exhibe este mês uma seleção de programas que trazem em comum diversas experiências das periferias. No episódio *Quando a periferia está no centro*, da série *Super Libris*, o escritor e poeta Ferrez fala sobre a literatura feita por quem está à margem da sociedade. O show do trio de hip hop Elo da Corrente apresenta letras críticas sobre o cotidiano urbano, política e experiências pessoais. As iniciativas de artistas cariocas na montagem colaborativa de peças de teatro com moradores de bairros carentes do Rio de Janeiro são registradas pelo diretor Julio Calasso nos documentários *O Incrível Encontro*, *Electra na Mangueira* e *Electra no Municipal*.

Outro destaque do canal é o show inédito da cantora norte-americana Marlena Shaw com a *big band* brasileira Bixiga 70, fruto da última edição do Festival Jazz na Fábrica, no Sesc Pompeia.

A *Revista do SescTV* deste mês entrevista ainda o diretor Cristiano Burlan, que fala sobre o cinema na periferia e conta sua trajetória. O artigo da professora Érica Peçanha do Nascimento discute a literatura produzida na periferia paulistana. Boa leitura! ●

Experiências da periferia

Distantes dos grandes centros, onde estão concentrados os equipamentos culturais das cidades, moradores das periferias produzem, difundem e afirmam sua própria cultura



Super Libris. Episódio *Quando a periferia está no centro* traz entrevista com o escritor Ferrez.

O conceito geográfico de periferia corresponde a tudo o que não está no centro, mas está próximo a ele; ao que é vizinho, periférico. Contudo, a noção de periferia extrapola o campo espacial e é utilizada socialmente para delimitar regiões afastadas dos centros urbanos, que abrigam grande parte da população de baixa renda, carente de serviços e infraestrutura, distante de cinemas, teatros e outros espaços de cultura e lazer.

Quem vive nas periferias encontra dificuldades para frequentar os equipamentos culturais das cidades, muitas vezes pela distância e preços, pois eles se concentram, em sua maioria, onde também estão os segmentos sociais de maior poder aquisitivo. Para sanar esse déficit, boas iniciativas têm surgido em várias áreas, ao longo dos anos, como a do jornalista Alexandre Cabral. Criado na favela

SESCTV EXIBE SELEÇÃO DE PROGRAMAS QUE ABORDAM A PERIFERIA E SUA PRODUÇÃO CULTURAL, NO BRASIL E NO MUNDO



FOTO: PIU DIP

de Paraisópolis, em São Paulo, ele decidiu, aos 15 anos, montar uma biblioteca no bairro. Tinha vontade de ler, mas possuía poucos livros e sabia que, assim como ele, outros sofriam com o pouco acesso à leitura. “Tinha 15 livros, coloquei uma plaquinha na porta da minha casa”, conta. Sua ideia chamou atenção da mídia no Brasil e exterior. Assim, passou a receber doações. Hoje, a Biblioteca

Becei de Paraisópolis, a primeira em uma favela, tem 70 metros quadrados, 12 mil livros e em torno de 26 mil pessoas cadastradas.

Iniciativas como essa provam que existe, além de uma forte demanda por cultura, uma variada oferta de ações que vão da literatura ao teatro, à música e ao cinema. São debates, saraus, peças teatrais, shows, exibições de filmes e outras atrações criadas por coletivos e moradores das periferias. Elas reforçam o desejo e o direito de todos ao acesso à cultura. Fazem desses cidadãos não apenas meros espectadores, mas produtores de sua própria arte, cujos temas e estéticas trazem olhares plurais e, muitas vezes, novas propostas de produção. O resultado dessas ações tem fortalecido a cultura periférica e ampliado seu espaço, fazendo com que ela deixe de ser um assunto eventual e marginal, e leve a periferia para o centro, para que todos possam ouvi-la.

LITERATURA MARGINAL Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferrez, é romancista, contista e poeta. Nasceu e cresceu no bairro paulistano do Capão Redondo e já publicou diversos livros, entre eles *Capão Pecado*, *Amanhecer Esmeralda* e *Ninguém É Inocente em São Paulo*. Segundo ele, a apropriação do termo literatura marginal por escritores da periferia se deu a partir de 1999. Conta ainda que a literatura de alguns autores conhecidos como João Antônio, e até Lima Barreto, já foi considerada marginal. “Então, a gente pensou: Pô! Se estão usando isso contra o cara, a gente vai usar em favor nosso”, explica. “A gente passou a usar a ideia de literatura marginal, que é (feita por) quem está à margem da sociedade e produz”.

A literatura marginal, seu modo de produção, distribuição e divulgação são temas do episódio inédito *Quando a periferia está no centro*, da série Super Libris, que traz entrevista exclusiva com Ferrez. O SescTV exhibe este mês o programa juntamente a outros que contemplam e discutem a produção cultural nas periferias. ●



QUANDO A PERIFERIA ESTÁ NO CENTRO, DIA 8, 21H

Direção: José Roberto Torero.
Classificação indicativa: Livre.



Episódio também disponível online:





FOTO: RENATO JACOB

Marlena Shaw e Bixiga 70

Representante do jazz e do blues, cantora norte-americana apresenta show inédito com a big band brasileira Bixiga 70

Aos 73 anos de idade, Marlena Shaw continua na ativa. Nascida em 1942, em New Rochelle, nos Estados Unidos, a cantora teve seus primeiros passos na música guiados pelo tio trompetista que a levou ao palco do *Harlem's Apollo Theater*, em Nova Iorque, para sua primeira apresentação. Apesar da boa recepção do público, sua mãe não a deixou sair em turnê com o tio. Marlena tinha apenas 10 anos. Ela conta que foi criada na Igreja e que até hoje frequenta cultos. “Lá, as pessoas batem palmas, cantam e tocam, mesmo que notas erradas, mas fazem com emoção. O gospel significou muito para mim. Sou uma cantora emotiva”, confessa.

A partir da década de 1960, passou a se apresentar em bares nova-iorquinos. Em 1967, lançou seu primeiro álbum, *Out of Different Bags*. Sua versatilidade de estilos, do pop ao *soul*, jazz e *blues*, deu a ela reconhecimento e convites para integrar *big bands*. Em

1972, Marlena se tornou a primeira artista feminina contratada pela lendária gravadora Blue Note Records, a mesma de músicos como Miles Davis e John Coltrane.

Com mais de 50 anos de carreira e 14 discos, a artista se apresentou em diversos países. No Brasil, conheceu a banda Bixiga 70, se encantou pela mistura de jazz e ritmos afro-brasileiros e se juntou aos músicos para uma apresentação. “Ela já assumiu as rédeas de pronto: Eu tô no comando da situação. Vem comigo! – pegou todo mundo na mão e levou junto”, conta Marcelo Dworecki, baixista do grupo.

O encontro entre Marlena Shaw e Bixiga 70 aconteceu em 2015, durante o Festival Jazz na Fábrica, no Sesc Pompeia. O SescTV exibe o show inédito da cantora com canções de seu repertório, como *Woman of the Ghetto* e *Feel Like Making Love*, além de uma versão de *What a Wonderful World*, de Louis Armstrong. ●



**MARLENA SHAW
E BIXIGA 70,
DIA 17, 22H**

Direção para TV:
Camila Miranda.
Classificação: Livre.

FOTO: DIVULGAÇÃO

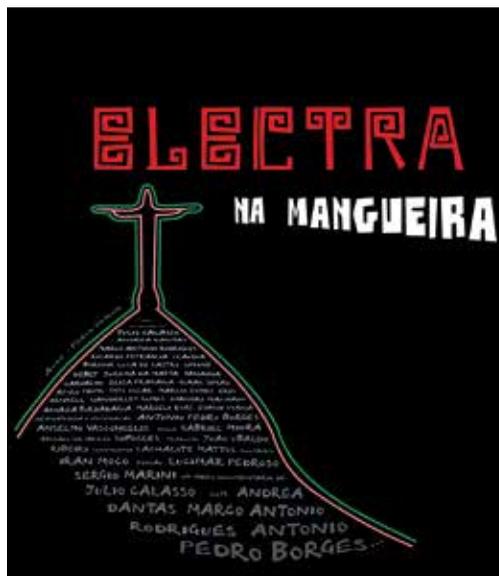


Corrente Musical

DIA 24, 22H. Elo da Corrente. Direção para TV: Daniel Pereira. Classificação: Livre.

Quando os MC's Caio e Pitzan e o Dj PG se juntaram no início dos anos 2000, tinham em comum o hábito de colecionar vinis dos anos 1950, 1960 e 1970. Mesclaram a essas sonoridades beats eletrônicos, poesia e o improviso típico do hip hop e criaram o Elo da Corrente. O trio da periferia paulistana se destacou no cenário do rap nacional com produções baseadas na pesquisa sobre música brasileira. Suas letras revelam o cotidiano urbano, resgatam fatos históricos, políticos e experiências pessoais. “Partilhar, compartilhar e ouvir são verbos que a gente conjuga principalmente com nossos amigos músicos”, comenta MC Caio. Em 2014, o grupo lançou seu terceiro álbum, “Cruz”, com a participação de vários artistas, como Arthur Verocai. “Esse estilo musical te deixa muito livre pra criar e você não está amarrado àquela fórmula de música tradicional”, conta o maestro. O SescTV exibe o show do Elo da Corrente, gravado no Sesc Vila Mariana. Além de Verocai, participam Marcelo Munari, Rodrigo Brandão, Célia, Márcia Castro, Lúcio Maia, Danilo Caymmi e Orquestra de Cordas. ●

FOTO: PEDRO CALASSO



Estética suburbana

DIAS 12, 19 E 26, 22H. Direção: Júlio Calasso. Classificação: Livre.

Artistas cariocas decidiram compartilhar sua experiência e conhecimento com moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ao montar peças de teatro com a participação dos locais. O encontro entre atores e não atores não se deu apenas pelo lado formativo. “Há basicamente uma procura estética”, aponta o diretor Antônio Pedro, coordenador do Centro Experimental Teatro Escola (CETE), responsável pelo projeto que gerou três apresentações. Na primeira, *O Incrível Encontro*, atores se juntaram a moradores da Lapa, em 2001, para criar uma versão dos 500 anos da História do Brasil. Em 2002, a tragédia *Electra*, de Sófocles foi montada com moradores da Mangueira e encenada no barracão da comunidade. “De repente, aquela quadra me pareceu um pouco Tróia, uma fortaleza que a gente precisava conquistar e deixar ali o nosso presente teatral”, conta Anselmo Vasconcelos, um dos fundadores do CETE. O grupo apresentou, no ano seguinte, *Electra* no Teatro Municipal carioca. Os processos de produção coletiva foram registrados pelo diretor Júlio Calasso em três documentários com imagens históricas, exibidos este mês pelo SescTV. ●

CRISTIANO BURLAN. DIRETOR DE CINEMA E TEATRO.

Cineasta conta sua trajetória e discute a produção de cinema na periferia

“Pobre não faz cinema no Brasil. Só faz se for teimoso.”

┌
Cristiano Burlan teve uma infância difícil. Primogênito de uma família de cinco filhos, de pai pedreiro e mãe empregada doméstica, nasceu na periferia de Porto Alegre, em 1975, e cresceu vendo seu pai alcóolatra bater em sua mãe, até que ela fugisse com os filhos para o bairro do Capão Redondo, em São Paulo. Tinha nove anos de idade e se apaixonou pelas artes. Autodidata, leu bastante, ia sempre ao cinema, fez teatro, escreveu peças, atuou, dirigiu, criou grupos. Trabalhou em fábrica, construção, feiras livres, teve diversas profissões e saiu das periferias brasileiras para viajar o mundo. Nunca pensou em fazer cinema, porque era caro, mas o acaso o levou para a direção das câmeras e hoje, aos 40 anos, tem no currículo mais de 15 filmes, entre curtas e longas-metragens, como o premiado documentário *Matarame Meu Irmão*. É professor por notório saber e um homem satisfeito com seu ofício de contar histórias.

Como é fazer cinema no Brasil?

Fazer cinema sempre me pareceu uma coisa inatingível, porque é um ofício para poucos, para gente privilegiada. Existe uma questão de classe muito forte. Pobre não faz cinema no Brasil. Só faz se for teimoso. Em geral, as pessoas que fazem cinema aqui são pessoas abastadas. É uma arte cara. Não há nenhum problema em ter dinheiro – veja bem. Eu adoraria ter nascido em uma família rica, ter estudado em Nova Iorque, em Paris, na Itália. Mas não é o meu caso. Tive que forçar um pouco a barra para poder realizar meus filmes. E continuo forçando. Todas minhas produções foram feitas com dinheiro do meu bolso, apoio e tempo doado dos meus amigos, técnicos e atores.

Qual é sua forma de produzir?

Eu fiz mais de 15 filmes. Deles, somente um curta-metragem com edital público, *O Boto e o Homem*.

Todos os outros, fiz com recursos próprios: o dinheiro do meu salário de professor e a ajuda de amigos. Ano passado, levei ao Festival de Brasília meu filme *Fome*. Gastei dez mil reais para produzi-lo, mas fiquei com vergonha de falar o quanto o filme custou. Então, aumentei para 15 mil. Só que custo é diferente de orçamento. O custo foi o quanto tirei do meu bolso, da minha poupança. Já o orçamento envolve o cachê dos atores e dos técnicos que eu não paguei, o equipamento que meus amigos me emprestaram e o finalizador que trabalhou sem receber. No fim, o filme foi orçado em 300 mil, mas eu não tinha essa grana. A paixão das pessoas em querer realizar e se experimentar de alguma maneira através do seu ofício me ajuda a fazer cinema. Tenho bons amigos, essa é uma maneira de fazer, mas não é a única, o que não me impede de ir atrás de outras.

O que é preciso aprender para fazer cinema?

Grande parte dos meus mestres do cinema foi autodidata, mas cada um tem seu caminho. Acho importante a formação acadêmica, mas é fundamental ter cultura cinematográfica. Estudei em uma escola da qual fui expulso e onde hoje dou aula. Dizem que sou formado por lá. Aceito. Foi bom para mim, principalmente para saber o que eu não queria fazer. Passei anos tentando desaprender o que aprendi nas aulas para encontrar uma voz mais autêntica. As escolas de cinema trazem um bem grande, mas instrumentalizam o aluno muito rápido. Ele se apaixonou pela câmera, não pelas ideias, pelas pessoas e pelo movimento do mundo. Acha que cinema é grua, trilho, maquinaria. Isso é muito apaixonante mesmo, mas o aluno se forma e acha que vai para um set dirigir uma equipe e estrutura grandes; é muito raro. Ele tem que entender que não precisa disso.





RAIO-X
CRISTIANO
BURLAN,
PORTO ALEGRE

Formação
Autodidata

Alguns trabalhos

- Sinfonia de um Homem Só (2012)
- Mataram meu irmão (2013)
- Hamlet (2014)
- Fome (2016)



“A limitação de recursos nunca foi nem deve ser desculpa para deixar de realizar.”



“A paixão das pessoas em querer realizar e se experimentar de alguma maneira através do seu ofício me ajuda a fazer cinema”

“Cinema é meu ofício e minha tentativa de entender, através de uma câmera, o mundo em que vivo”

»»

Você concorda quando o consideram um cineasta da periferia?

Meu trabalho está pautado na periferia por causa da minha história e da minha origem, mas hoje moro em Pinheiros; brinco que sou burguês. Mesmo tendo muitos amigos e parentes ainda na periferia, quando vou visitá-los, não me sinto mais de lá.

É possível traçar um panorama da produção cultural na periferia?

A cultura na periferia sempre existiu, sobretudo em poesia e teatro, mas antigamente não havia comunicação. A situação começou a mudar. A internet conseguiu interligar as pessoas. Hoje, a gente sabe o que está sendo feito e quem está fazendo. Me interessa muito saber quem está produzindo lá no Capão Redondo, na Zona Norte, na Zona Leste. Me interessa o trabalho do Lincoln Pércles, em São Paulo, do Adirley Queirós, na Ceilândia, do André Novaes, em Contagem. Existe uma produção cultural intensa de uma rapaziada jovem, politizada, consciente, que promove saraus, debates e produz bastante. O poder público deveria ajudar mais. Há algumas iniciativas, como editais mais democráticos que não elitizam tanto os meios de produção. Isso é essencial. Não existia na minha época. Mas a gente não pode depender disso também, tem que fazer cinema com as próprias mãos.

O avanço da tecnologia contribuiu para democratização da produção?

Os equipamentos e mídias digitais são ferramentas potentes, cada vez mais acessíveis, que auxiliam bastante na produção. Viajo por todo o País e conheço muitos que estão produzindo graças às novas tecnologias. Elas contribuem ainda para o surgimento de novas estéticas. Isso é bom porque, na história do cinema, as grandes revoluções aconteceram primeiramente na estética. Seja no Realismo Italiano ou na Nouvelle Vague francesa, o avanço dos equipamentos possibilitou uma geração

de realizadores reinventar a maneira de fazer cinema, contrapondo à forma hollywoodiana. Isso influenciou diretamente o cinema brasileiro, mais autoral, pelo qual somos reconhecidos, mas me parece que temos nos esquecido dele ultimamente.

A que você atribui esse esquecimento?

Atribuo a um aburguesamento, um encarecimento dos meios de produção do audiovisual brasileiro, uma ideia de que existe uma indústria de cinema no Brasil. Isso é uma falácia, porque se você muda o governo, as políticas, que são muito frágeis, não se sustentam e muitas produções dependem disso. Não conheço nenhum lugar no mundo onde a única possibilidade de produção audiovisual seja pública. Fico me perguntando onde estão os rebeldes, os que têm paixão por fazer cinema e que com uma câmera na mão vão registrar o que acontece à sua volta, seja em documentário ou ficção.

Os meios que você tem para produzir afetam diretamente sua obra?

Afetam completamente, mas faz parte da nossa história. A falta de recursos do cinema latino-americano e brasileiro nunca foi desculpa para fazer filmes menores. Pelo contrário, ela está diretamente ligada à nossa estética. Nos anos 1960, boa parte da produção do Cinema Novo se dava na relação de uma câmera na mão e de planos-sequências, porque assim você já estava montando o filme. Isso deixava a produção mais barata, mais rápida e esteticamente mais potente. Os meios e o dinheiro que você tem para produzir afetam o modo e o resultado, mas é claro que não é uma regra. É uma visão muito pessoal. A limitação de recursos nunca foi nem deve ser desculpa para deixar de realizar.

Existe boa receptividade em relação ao cinema feito na periferia?

A produção mais periférica tem dificuldade de chegar ao público e à crítica, mas já existe um olhar



CRISTIANO BURLAN EM TRÊS MOMENTOS

FOTO: CHARLENE ROVER



■ *Fome* (2016)

FOTO: CHARLENE ROVER



■ *Hamlet* (2014)

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ *Mataram meu irmão* (2013)

para esse tipo de cinema que a gente pode chamar de cinema de borda ou novo cinema marginal. Há uma crítica atenta, percebendo transformações no audiovisual. Em geral, ainda parte de um olhar pueril, frívolo e preconceituoso: “Ai, que bonitinho, um pobre filmando sua realidade”. Essa produção precisa ser desaguada. A própria periferia tem dificuldade em ver seus filmes, mas isso está mudando com saraus e cineclubes. A gente não pode depender só das salas de cinema, que são poucas no País, além do ingresso ser caro. Por isso a internet surge como alternativa na divulgação desses trabalhos porque o cara que faz filmes na periferia não tem onde mostrá-los.

Como filmar a periferia sem estereotipá-la?

É complicado porque, a partir do momento em que eu saio da minha situação e a filmo através de uma câmera, já existe uma intermediação. Não podemos ter um olhar estrangeiro e exótico sobre nossa própria cultura. Isso acontece comigo também. Hoje, quando eu vou para a periferia, fico como um burguês que filma pobres, que quer contar as mazelas do mundo, achando que está ajudando de alguma maneira. Por isso, é essencial que a periferia seja sua própria voz. O que me habilita a falar sobre pobreza? Eu não sou rico, mas eu também não moro mais na favela. Eu posso emitir opinião sobre as coisas, mas é importante que todos tenham voz, pobres, negros, mulheres, gays etc. Que todos façam filmes sobre tudo também, mas que isso seja discutido com quem tem propriedade sobre aquilo que se quer abordar.

Como é levar suas histórias tão pessoais para as telas?

Cinema é meu ofício e minha tentativa de entender, através de uma câmera, o mundo em que vivo. É a arte que escolhi para minha vida e nada mais óbvio do que querer entender minha vida através do cinema. Não é terapia. Faço como realizador, mas muitos filmes são para mim um rito de passagem. Como *Construção*, que conta a história do meu pai que era pedreiro, e *Mataram Meu Irmão*, sobre a morte do meu irmão. Vou fazer um terceiro filme, *Elegia de um Crime*, que fecha o que chamo carinhosamente de Trilogia do Luto. Será meu primeiro longa-metragem com orçamento aprovado em edital. Nele, vou investigar o assassinato da minha mãe pelo namorado, que está foragido. Quero fazer esse filme para perguntar a ele por que fez isso. É uma questão importante não apenas para mim como pessoa e artista, mas para todos: como um ser humano é capaz de matar o outro de maneira tão brutal? ●

Literatura pelas periferias paulistanas

Érica Peçanha é doutora em antropologia e pesquisadora da produção cultural da periferia. Autora de *Vozes marginais na literatura* (2009) e coautora de *Polifonias marginais* (2015), participou do ciclo de Jornalismo Cultural da Periferia, no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo

por **Érica Peçanha** ilustração **Joshua Tabti**

┌
Pelas periferias paulistanas vê-se uma intensa movimentação em torno de diferentes expressões artísticas. Música, dança, literatura, audiovisual e teatro agregam artistas e coletivos originários, atuantes e inspirados nas franjas da cidade. No limiar do século XXI, as produções de espaços que margeiam centros geográficos e econômicos multiplicaram-se e ganharam visibilidade. Periféricos, marginais e marginalizados, que sempre foram tema ou inspiração de criações artísticas, passaram de objetos a sujeitos e seguem transformando suas experiências sociais, visões de mundo e repertórios em linguagens específicas. E tudo aquilo que um dia faltou – como o acesso aos meios de produção, a escolarização formal, as técnicas, entre outras – tornou-se matéria-prima para as estéticas que vêm sendo consolidadas.

Especialmente na literatura, projetam-se escritores oriundos das camadas populares e majoritariamente identificados como negros, que, por meio de narrativas ficcionais e (auto)biográficas, trazem para o campo literário temas, termos, personagens e linguagens que refletem as margens do urbano. Allan da Rosa, Alessandro Buzo, Ferréz, Michel Yakini, Rodrigo Ciríaco, Sacolinha e Sérgio Vaz são alguns dos nomes de destaque; assim como Dinha, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento, Mel Duarte, Raquel Almeida e Sonia Bischain, que são das poucas que conseguiram lançar obras autorais e se encarregam de problematizar a participação das mulheres nesse contexto cultural. Mas, muito além desses escritores e poetas, há uma centena de outros que se formaram ou ganharam visibilidade também como ativistas a partir das dezenas

de coletivos, tais como Cooperifa, Sarau do Binho, Elo da Corrente, Poesia na Brasa e Perifatividade.

Alguns desses produtores retomam o uso da expressão literatura marginal para caracterizar, no contemporâneo, as obras dos que vivenciam alguma situação de marginalidade econômica e social. Outros preferem a designação literatura periférica, a fim de ressaltar o pertencimento ao lugar de onde e em nome do qual falam em seus textos. Mas vale considerar que esses termos – assim como outros, como literatura suburbana e litera-rua – podem ser tomados como classificações possíveis da condição desses autores ou das características de suas produções literárias, podendo ser mobilizados ou não para marcar posição no mercado cultural e se aproximar do público que compartilha o mesmo perfil sociológico.

Nessa recente relação entre literatura e periferia, uma série de práticas, produtos e perfis se misturam: formalizações estéticas, escrita como meio de expressão individual, obras autorais, publicações coletivas, CDs de poesia, saraus em botecos e escolas, performances, eventos, selos editoriais, bibliotecas comunitárias, escritores dedicados à carreira literária e profissionais diversos que recebem o título de poeta como reconhecimento ao vínculo estabelecido com coletivos que organizam recitais. Entretanto, principalmente nos textos literários, nota-se um projeto de ação estética que consiste em recriar o que é peculiar aos sujeitos marginalizados e aos espaços marginais (vivências, trajetórias, práticas, valores, relações afetivas etc.), especialmente com relação aos moradores e bairros periféricos.

Nos últimos quinze anos, os textos aparecem em maior número sob a forma de poemas; e quando prosa são, predominantemente contos e crônicas. Embora o referencial geográfico e as mazelas sociais sejam a tônica, as temáticas têm se diversificado para além de questões relacionadas ao cotidiano, à pobreza e à violência, estendendo-se para os conflitos de classes, o protesto social, as relações de trabalho, o erotismo, as questões raciais, o que pode ser lido como um tipo de feminismo, entre outros. São construções poéticas e narrativas em que prevalecem elementos documentais, biográficos e descritivos, numa escrita que pode apresentar regras próprias de concordância verbal e de uso do plural, além de explorar gírias e neologismos que a aproximam da linguagem falada. O que pode ser entendido como fruto da formação escolar e das condições materiais desses escritores, mas também como uma valorização de manifestações linguísticas não hegemônicas.

É importante enfatizar que a literatura com a marca da periferia, mesmo cercada por apelos midiáticos e políticos que teimam em reduzi-la a certa importância histórica, traz à tona importantes debates sobre produção, circulação e consumo cultural. Especialmente porque não é uma movimentação que se esgota em livros, mas se amplia para práticas focadas na difusão literária, formação de novos leitores e autores. E também porque não se trata apenas de representação de certa realidade social na literatura e seus desdobramentos no campo cultural, mas do modo como produtores que falam a partir da periferia querem se autorrepresentar e construir uma atuação a ser apreendida pelo público-leitor, mercado, poder público e academia. ●



dia 10, 22h

RACIONAIS MC'S. Direção para TV: Daniel Pereira e Michel Gubeissi. Classificação: 14 anos.

Ice Blue, Mano Brown, Edi Rock e DJ KL Jay, os Racionais MC's revelam as injustiças sociais, o racismo e a exclusão dos moradores da periferia em show gravado no Sesc Santo André.

dia 7,
21h30

**BENJAMIM TAUBKIN
E IVAN VILELA**

Direção: Max Alvim.
Classificação: Livre.

Os arranjadores e compositores Benjamim Taubkin e Ivan Vilela apresentam clássicos da música brasileira no Instrumental Sesc Brasil. Entre as canções executadas, os músicos prestam homenagem a Milton Nascimento, com *Milagre dos Peixes* e *Cravo e Canela*. O show, que conta com Benjamin no piano e Ivan na viola, foi gravado no Sesc Consolação, em janeiro deste ano. No programa *Passagem de Som*, os músicos comentam como se conheceram e falam de suas trajetórias e inspirações artísticas.

dia 25,
0h

**80 ANOS DE JOSÉ
MOJICA MARINS,
O ZÉ DO CAIXÃO**

Direção: Lírio Ferreira.
Classificação: 12 anos.

Ícone do terror brasileiro, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, completou oitenta anos de vida em 2016. Para comemorar a data, o Sesc-TV exhibe o episódio *A Espiritualidade e a Sinuca*, da série *Somos 1 Só*. Para discutir a dualidade Deus x Diabo, José Mojica Marins interpreta Deus e Mário Bortolotto o Diabo, que jogam uma partida de sinuca como velhos amigos que conversam sobre a espiritualidade em tempos modernos.



FOTO: DIVULGAÇÃO



de 6 à 21

EDIÇÃO 28: MUITO ALÉM DAS MEDALHAS

Direção: Carlos Nascimbeni.

Classificação: Livre.

Durante as Olimpíadas, o SescTV apresenta a programação *Muito Além das Medalhas*. Episódios da série *Movimento* abordam o ciclismo, a caminhada e as atividades físicas no cotidiano urbano. Em *Dança Contemporânea*, a coreografia *Jogado* apresenta o movimento e os esportes na dança. O episódio *O Esforço da Gentileza e as Bolhas nos Pés*, da série *Estilhaços*, mostra a rotina dos maratonistas paulistanos. A programação integra o projeto Edição 28: A Trajetória do Esporte, promovido pelo Sesc São Paulo.

dia 27, 21h

MERCADO VER-O-PESO

Direção: Paulo Markun e Sérgio Roizenblit. Classificação: Livre. No episódio da série *Arquiteturas*, arquitetos, historiadores e moradores de Belém do Pará explicam o contexto histórico e social que contribuiu para a construção e permanência do Mercado Ver-o-Peso, importante criação para a cultura local. “Ele representa a vitória do valor regional contra todos os embates da atualidade”, conta a arquiteta Jussara Derenji.



FOTO: REVANCHE PRODUÇÕES

Sesc 70 anos

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio

SescTV

DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescvtv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescvtv.org.br



/sescTV



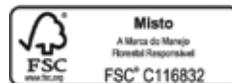
Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescvtv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescvtv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



770016760328

CHARLES BRADLEY

em setembro

Foto: Nicole C. Kibert



Assista online:

sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV